

Rafael Campos Pereira

# OLHARES NO MUNDO

**VidaEconómica**

Rafael Campos Pereira

# OLHARES NO MUNDO

**VidaEconómica**

## FICHA TÉCNICA

### **Título**

Olhares no mundo

### **Autor**

Rafael Campos Pereira

### **Editor**

Vida Económica - Editorial, SA  
R. Gonçalo Cristóvão, 14 - 2.º • 4000-263 Porto  
www.vidaeconomica.pt • <http://livraria.vidaeconomica.pt>

### **Composição e montagem**

Vida Económica

### **Impressão e acabamento**

Uniarte Gráfica, S.A.

### **Depósito Legal**

501481/22

### **ISBN**

978-989-768-872-0

Executado em junho de 2022



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.

© Todos os direitos reservados para **Vida Económica, Editorial, SA**

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou de gravação, ou qualquer outra forma copiada, para uso público ou privado (além do uso legal como breve citação em artigos e críticas) sem autorização prévia por escrito da Vida Económica – Editorial, S.A.

---

**Veja no final deste livro como se registar na editora Vida Económica e receber informação sobre lançamentos, iniciativas e promoções.**

*Aos meus netos, Luísa e Lourenço, com o sonho  
de os ajudar a gostar de livros e de viagens.*

# ÍNDICE

9	Prefácio
11	Prólogo
13	1 – <i>Lost in Translation</i>
17	2 – Silogismos
23	3 – A arte da escolha
27	4 – A colher
31	5 – Uma noite com Madonna
35	6 – Na estrada de Entoto Hill
39	7 – Ao derradeiro olhar
41	8 – O rapaz que já não é invisível
45	9 – Já não chove em Santiago
49	10 – Isto não pode ser real
53	11 – Falta-lhe a alma
57	12 – À procura de Oświęcim
63	13 – Declinações da alma sérvia
67	14 – No Cairo os estrangeiros não têm segredos
71	15 – Agora já não é segredo
77	16 – A vingança
79	17 – Regresso a casa em Hamburgo
83	18 – O preconceito

87	19 – A geografia é uma ilusão
93	20 – As filhas dos taxistas de San Salvador
97	21 – A memória do Monsenhor
103	22 – A minha <i>Sampa</i>
107	23 – Os braços dos Aliyev
113	24 – Os mundos em Bruxelas
117	25 – Com a alma renovada
121	26 – Uma nota de 20 libras
125	27 – Perdido em Nova Iorque
129	28 – A placa
133	29 – De cá ou de lá?
135	30 – Um mundo desigual
139	31 – Em África é mais fácil ser-se feliz
143	32 – <i>Les casseroles</i>
147	33 – Feitiço africano
151	34 – Um táxi em Arlanda
153	35 – As mulheres de Estocolmo
157	36 – Esperança
159	37 – As cuecas de <i>Trastevere</i>
163	38 – A Lilita e os italianos
167	39 – Os <i>carabinieri</i> e o chefe de sala
169	40 – A beleza de Roma é infinita
173	41 – Regresso a Nova Iorque
177	42 – Latina América
181	43 – Sonhos trocados
185	44 – Polícias de <i>Manhattan</i>
187	45 - Um vislumbre
191	46 - Em Julho, os dias do Porto despontam com maior ansiedade
193	47 – Verão azul
195	48 – Era só isto!

## PREFÁCIO

É impossível pensar no meu Pai sem se ser automaticamente invadido por um sentimento simultâneo de admiração e de ternura. E no meu caso acrescento também o de orgulho. A cultura muitíssimo rica que possui e que faz questão de aprimorar, a entrega e a paixão que coloca em tudo o que faz, e a sua inteligência cerebral e emocional, muito acima da média, são virtuosos aspectos que evidenciam a personalidade do meu Pai e que facilmente os leitores irão detectar ao longo deste livro.

De todas as pessoas que eu conheço, o meu Pai é a mais viajada. Seguramente, é, de igual modo, uma das mais encantadas por todo o processo da viagem. Porque não basta apenas estar num lugar novo, é preciso saber fazê-lo, é imprescindível saber vivê-lo. E acho, honestamente, que este é o livro ideal para todos aqueles que, como eu e o meu Pai, adoram viajar e que tencionam aproveitar todos os minutos da sua aventura da melhor maneira possível.

É também importante ter amor. Amor pela vida, amor pelo conhecimento, amor pelos outros, amor pelo mundo. E isso é o que não falta ao meu pai.

Como filho do Pai Rafael, sou um privilegiado pela quantidade de países que já tive oportunidade de visitar na sua companhia. E posso garantir que, em todos eles, o brilho dos seus olhos nunca deixou de cintilar. Ele é um verdadeiro apaixonado pela exploração do mundo. E sei sempre que estou muito seguro de que tudo correrá bem nas nossas viagens, não conhecesse tão bem o Pai Rafael: espírito aventureiro, coração de uma bondade infundável e personalidade extraordinária, que faz com que seja precavido e, ao mesmo tempo, bastante comunicador.

Tal como no seu magnífico “Viagens sem Julgamentos”, este livro permite aos leitores vislumbrar as inúmeras histórias narradas, quase como se estivéssemos presencialmente a vivê-las, tão detalhada e completa é a ilustração dos lugares e de todos os elementos que as constituem, ajudando a transportar-nos para o mundo sem sairmos do nosso local de leitura.

Este “Olhares no Mundo” corresponde não só aos interesses de quem gosta mais de um tipo de escrita tradicional, como aos de quem se identifique com estilos criativos e inovadores. E aqueles que têm gostos mais exigentes e selectivos, não se preocupem: o livro é constituído por uma interminável variedade de temas, sempre tratados com a maior informação, conhecimento e cuidados possíveis.

Dizem que sou parecido com o meu Pai. Acho que posso aceitar a calvície que, mais cedo ou mais tarde, me irá cair por herança, se em contrapartida conseguir visitar, pelo menos, metade dos países que ele já visitou com a mesma entrega, paixão e sabedoria. No fim de contas, acho que o balanço será positivo.

Obrigado, Pai, por me teres transmitido o gosto por viajar. E estou seguro de que, após a leitura deste livro, haverá mais pessoas que irão compreender melhor esta nossa paixão.

*Bernardo Campos Pereira*

## PRÓLOGO

Estas crónicas não ousam ser literatura. Limitam-se a ser um conjunto desprezioso e heterogéneo de relatos de peregrinações pelo mundo e de reflexões mais ou menos íntimas, escritas entre Julho de 2019 e Janeiro de 2022, em Tóquio, em Adis Abeba, no Porto, em Abidjan, em Estocolmo, em Roma, em Alvor e em Nova Iorque.

Em alguns casos, escrevi-as em cima do acontecimento, em alguns outros, dias, meses ou mesmo anos depois.

Ainda assim, todas as crónicas foram escritas no momento certo. Quando tive a vontade de lhes dar forma, no sentido de poder partilhar o meu próprio prazer com as pessoas que gostam de me ler. Presumo que algumas possam parecer datadas ou mesmo desactualizadas. Apesar de ter feito pequenos ajustamentos nos textos no sentido de mitigar essa impressão, decidi, ainda assim, correr o risco, preferindo manter o espírito original e a emoção dos momentos em que as escrevi.

Ao longo das páginas deste livro, discorri de forma aleatória e instintiva sobre paisagens urbanas, pessoas anónimas, pequenos prazeres, emoções fortes e pensamentos íntimos. Sempre

dividido entre a pequenez do meu mundo mais próximo e a eternidade das almas que povoam o planeta.

Espero conseguir cumprir o meu principal propósito: contar o que vivi aos que não estiveram lá para ver. Para, assim, de algum modo, também poderem viver o que vivi. Quero muito que se emocionem e divirtam.

O autor

## **LOST IN TRANSLATION**

Aterro no aeroporto de Narita, nas franjas de Tóquio, e realizo rapidamente que nem sempre existem na língua portuguesa as palavras certas para ilustrar com rigor as *nuances* japonesas.

O Japão é tão intrigante e incompreensível como as expressões oblíquas dos seus habitantes e há muitos detalhes que se perdem irremediavelmente na tradução dos olhares.

Enquanto compro os bilhetes de comboio em direcção ao hotel, a minha filha Mariana, sempre especialmente sensível aos códigos culturais, sublinha as proibições a que estaremos sujeitos no Japão. Não posso apontar o dedo a ninguém, nem assoar o nariz na presença de terceiros. No metro, o telefone estará silencioso e não se ostenta o rabo aos que viajam sentados. Não é preciso conversar-se aos berros e nas escadas rolantes deveremos encostar-nos ao lado esquerdo.

O destino final será a estação de *Shinjuku*, no bairro que lhe dá o nome.

A estação ferroviária de *Shinjuku* é a mais movimentada do mundo, sendo partilhada todos os dias por quatro milhões de

## NA ESTRADA DE *ENTOTO HILL*

Adis Abeba recebe-nos com menos de 15 graus centígrados, desmentindo de forma rotunda as imagens instintivas de África. Os mais de dois mil metros de altitude aprisionam a cidade num Outono permanente e castigam os visitantes com tonturas e falta de ar.

O átrio do aeroporto onde desaguamos após o último controlo parece organizado e estranhamente tranquilo para os padrões africanos. Percebe-se em seguida que a rarefação de pessoas se deve à circunstância de o acesso ao local ser restrito.

Cruzamos a porta para o exterior e a noite parece europeia. Fria, silenciosa e austera. Repete-se a sensação de tranquilidade e replica-se a surpresa pela ausência da confusão, mas, uma vez mais, a realidade surge rapidamente a explicar-se. Aquele é um primeiro espaço exterior controlado por militares e haverá ainda que descer duas rampas até podermos mergulhar realmente na Etiópia. Enquanto percorremos os derradeiros metros desse trajecto, começamos enfim a vislumbrar os esbo-

## À PROCURA DE OSWIĘCIM

Fujo, quase sempre com sucesso, à tentação de rotular as pessoas com que me cruzo em viagem. Já ouvi confidências, segredos, confissões e certamente muitas mentiras da boca de companheiros de estrada. Já me deixei fascinar ou até assombrar por relatos que escutei de rostos desconhecidos que apenas o mais fortuito dos acasos me poderia deixar rever. Mas seria absurdo construir uma verdade a partir de um mero instante. E seria uma traição ficcionar juízos de valor sobre pessoas que me confiam apenas por um momento a sua alma. É por isso mesmo que, quando escrevo, procuro conter a sobranceria de um julgamento e faço um esforço para que quem me lê possa ouvir sem filtros as vozes que me iluminaram a escrita.

Ao contrário, encanta-me o atrevimento de poder tirar conclusões e especular sobre os instintos e as paixões das tribos urbanas, os tiques e as manhas dos grupos ou as rotinas e os estados de alma das nações. Dediquei um relato de muitos parágrafos às emoções que os japoneses me despertaram quando

## O PRECONCEITO

O centro de Gotemburgo oferece recantos de discreta magia, mas não tem o brilho elegante e levemente altivo de Estocolmo. A arquitectura funcional sueca parece ter sido especialmente enfatizada em Gotemburgo e não creio que tal inspiração lhe garanta um lugar no Olimpo. Pelo contrário, converteu uma parte substancial da cidade num austero paradigma de pragmatismo e frugalidade, o que, não sendo mau, fica longe de ser entusiasmante.

É curioso pensar que tudo poderia ter sido muito diferente. As casas de Gotemburgo foram durante anos construídas em madeira e, ao que parece, se tivessem sobrevivido em maior quantidade às desgraças que as fizeram chorar, dariam hoje à cidade um charme absolutamente inigualável. O bairro de *Haga*, com origens no século dezassete e durante muito tempo um reduto da classe operária, continua a ser a mais evidente reminiscência desses tempos. Mantém a ilusão de um passado que não pôde ser preservado e, embora já não seja um local absolutamente genuíno e autêntico, faz bem de conta que o é.

## OS MUNDOS EM BRUXELAS

Bruxelas recebe-me com raspas de chuva moída e céu cinzento, o que faz obviamente todo o sentido e não trai as expectativas de visitante algum. As ruas adjacentes ao centro estão paralisadas pelo trânsito e pelas obras sempiternas da cidade. Se há coisa que Bruxelas não estranha, é a lentidão com que as ruas são reabilitadas e os entorses por isso causados à circulação de automóveis. Dizem que a melhor forma de planear a mobilidade urbana passa por fazer difícil a vida aos condutores. Se assim é, não há dúvidas de que Bruxelas está a fazer um excelente trabalho.

Como sempre, o *L'Ogenblik* está lotado de uma clientela de origens diversas que tenta ignorar com a naturalidade possível a presença de um gato tronchudo que vai deambulando com sobranceira pelos dois níveis da sala.

Apesar do gato residente, da decoração descuidada e de um serviço a raiar a insolência, o *L'Ogenblik* tem estatuto suficiente para se assumir em público como uma *brasserie raffinée*. Está a dois passos da *Grand Place*, nas belíssimas *Galeries Royales*,

## UM MUNDO DESIGUAL

A ligação entre Lisboa e Casablanca fora feita num ATR ao serviço da TAP, um avião movido a hélices, de lotação limitada e aparência anacrónica, com os ares de um pássaro gordo e pesado, talvez um albatroz, parecendo voar em esforço quase agónico e com dificuldades em afastar-se do solo.

O nosso destino final seria a cidade de Rabat e a pequena delegação de quatro portugueses em que me integrava era liderada por um antigo ministro que então ocupava um posto de alguma relevância no Estado.

Fomos recebidos à saída do avião, praticamente na manga, por dois dignitários locais, com a formalidade e a *gravitas* alegadamente adequadas ao carácter oficial da viagem, mas, ainda assim, temperadas pela cordialidade e os gestos calorosos do Magrebe.

Os anfitriões eram dois funcionários de nível superior que nos conduziram com desenvoltura a uma sala vazia e de luzes desmaiadas onde não só nos pediram os documentos necessá-

## ESPERANÇA

Era bela e misteriosa, o rosto de canela e os dentes de marfim, o cabelo escondido por um *shash* discreto e de cores sóbrias. Ashia, ouvi dizer o seu nome. Esperança, em somali!

Desfilou com suavidade em nossa direcção, silenciosa e feliz. Pareceu acariciar com dedos de veludo a roupa de bebé que a Isabel lhe confiou. Pagamento em cartão, a *HM* em Estocolmo é *cash-free*.

Perguntei-lhe de onde era e ela desenhou um sorriso que lhe cobriu de magia os lábios elegantes e os olhos de prata. *I'am a black woman*, respondeu, abrindo ainda mais o sorriso, após me ter medido com um misto de surpresa e de ternura condescendente. Vim de África, completou com simplicidade majestática.

Contemplei com vagar a sua sobriedade tranquila e devolvi-lhe o riso e as certezas: sim, és de África! Escancarámos os risos e perguntei-lhe, *mas de África onde?*

Foi então que Ashia soltou a expressão que me parece perseguir, sempre magnética, umas vezes com medo e timidez,

## LATINA AMÉRICA

Por definição, a primeira manhã em qualquer destino deve ser relaxada e tranquila. Pelo menos assim é no meu código de viagens, que obviamente é muito pessoal, nada impositivo e susceptível de ser moldado a qualquer circunstância.

Foi com esse espírito que, após a primeira noite nessa estada em NYC, desci do vigésimo sétimo andar ao mezanino para tomar o pequeno-almoço no hotel onde estava instalado.

Sandra, dominicana de Santo Domingo, indica-nos a mesa num inglês de musicalidade castelhana e trejeitos das Caraíbas.

Os menus são explicados por Patrícia, olhos pretos e *spanglish* quase perfeito.

Peruana, de Lima, Patrícia deve estar farta de ouvir dizer que a sua cidade é pouco interessante, para utilizar um eufemismo de cortesia. Estuda-me o olhar quando lhe anuncio que conheço Lima e por via das dúvidas joga à defesa e exhibe como bandeira o bairro mais rico e privilegiado da cidade: *Miraflores es precioso*.

Eu desenvolvo o mote: *Miraflores, San Isidro e Barrancos*. E os melhores restaurantes de toda a América. E, entretanto,

## ERA SÓ ISTO!

Cada viagem é uma espécie de *puzzle*, em que as recordações de momentos sublimes, formidáveis ou mesmo apoteóticos se encaixam com instantes fugazes aparentemente irrelevantes.

A memória, apesar de muito maior do que a escrita, apenas sobrevive se traduzida em palavras. É intrinsecamente individual e apenas pela palavra escrita pode ser universal.

Normalmente, exalta os grandes momentos, o esplendor e a majestade que por algum motivo marcam os sentidos. Confesso, todavia, que frequentemente me fascina mais os detalhes indiscretos, mas incógnitos, os cantos escondidos da vida, os recantos dos destinos condenados ao anonimato, a pequena mas infinita história da vida privada.

A viagem solitária de fim de tarde num autocarro superlotado de Bogotá, onde alguns disputam o espaço inexistente trocando sopapos e vejo subitamente os dentes brancos de um sorriso, uma colombiana, sentada, que faz questão de segurar o saco que carrego.

**Estas crónicas não ousam ser literatura. Limitam-se a ser um conjunto desprezioso e heterogéneo de relatos de peregrinações pelo mundo e de reflexões mais ou menos íntimas.**

**Um itinerário realizado de forma aleatória e instintiva sobre paisagens urbanas, pessoas anónimas, pequenos prazeres, emoções fortes e pensamentos íntimos, tendo em vista o propósito deliberado do autor: contar o que viveu aos que não estiveram lá para ver.**

\*\*\*

“É também importante ter amor. Amor pela vida, amor pelo conhecimento, amor pelos outros, amor pelo mundo. E isso é o que não falta ao meu pai.”

“... este livro permite aos leitores vislumbrar as inúmeras histórias narradas, quase como se estivéssemos presencialmente a vivê-las, tão detalhada e completa é a ilustração dos lugares e de todos os elementos que as constituem, ajudando a transportar-nos para o mundo sem sairmos do nosso local de leitura.”

Bernardo Campos Pereira

Visite-nos em  
[livraria.vidaeconomica.pt](http://livraria.vidaeconomica.pt)

[www.vidaeconomica.pt](http://www.vidaeconomica.pt)

